



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

EXPERIÊNCIA EDUCOMUNICATIVA NO SACO DO MAMANGUÁ:
Oficina de vídeo na E.M. Domingos Gonçalves de Abreu

Rafael de Souza Mendes

Rio de Janeiro - RJ

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

EXPERIÊNCIA EDUCOMUNICATIVA NO SACO DO MAMANGUÁ: Oficina de
Vídeo na E.M. Domingos Gonçalves de Abreu

Rafael de Souza Mendes

Relatório técnico apresentado à Escola de
Comunicação da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Comunicação Social,
Habilitação em Radialismo

Orientadora: Prof^ª Katia Augusta Maciel

**EXPERIÊNCIA EDUCOMUNICATIVA NO SACO DO MAMANGUÁ: Oficina de
Vídeo na E.M. Domingos Gonçalves de Abreu**

Rafael de Souza Mendes

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Radialismo.

Aprovado por

 Documento assinado digitalmente
KATIA AUGUSTA MACIEL
Data: 27/12/2023 11:12:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª Dr^ª Katia Augusta Maciel, ECO/UFRJ

Prof. Dr. Ivan Capeller, ECO/UFRJ

 Documento assinado digitalmente
LETICIA PARENTE RIBEIRO
Data: 04/03/2024 17:08:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª Me. Leticia Ribeiro, IGEO/UFRJ

Aprovado em: 11/12/2023

Grau: 10

Rio de Janeiro / RJ
2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos mestres, comunitários caiçaras e parceiros, que abriram suas escolas, casas e vidas para mim e meus colegas ao longo desses anos. Em especial à Dona Dica, Ticote, Manequinho e família, Seu Francino, Jadson, Josi, Leila, Rute e prof^ª Iaci.

À professora Clarissa Anastácio, por ter acreditado e aceitado realizar esse projeto com entusiasmo.

Aos alunos da E.M. Domingos Gonçalves de Abreu, por sua criatividade e pela oportunidade de aprender com vocês, e à Val, pela recepção carinhosa.

A todos os companheiros do projeto de extensão Raízes e Frutos, que me mostraram o verdadeiro sentido de se construir uma universidade federal, para muito além dos muros. Especialmente meus amigos Luiz Gabriel, Dafne, Raíssa, Lucas, Eduardo e Isabelle. Para além de todas as dificuldades e limites, fortalecer a extensão universitária como potência.

À professora Letícia e ao professor Lício, pela coordenação do projeto Raízes e Frutos, apoiando a visão da extensão universitária construída pelos alunos.

À minha orientadora Kátia Augusta Maciel, por acreditar desde o início no potencial desse trabalho e por me dar todo o auxílio teórico-metodológico.

À minha família. Em especial às minhas avós Maria Beatriz e Lea, e aos meus pais, Cristina e Jorge, que se dedicaram tanto para que eu pudesse sonhar.

RESUMO

Este relatório compreende o processo de construção e realização da atividade de Oficina de Vídeo na Escola Municipal Domingos Gonçalves de Abreu, localizada na comunidade caiçara Currupira no Saco do Mamanguá, em Paraty, Rio de Janeiro. Realizada com duas turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, a atividade buscou trabalhar os conceitos básicos de produção de vídeo e construção narrativa, tendo como produtos gerados curta-metragens de autoria dos alunos. Este trabalho busca trazer uma reflexão sobre a potencialidade do fazer cinema no contexto e espaço da escola.

Palavras-chave: Caiçara. Cinema e Educação. Educomunicação.

ABSTRACT

This report covers the process of building and carrying out the Video Workshop activity at the Domingos Gonçalves de Abreu Municipal School, located in the Caiçara community of Currupira in Saco do Mamanguá, Paraty, Rio de Janeiro. Held with two classes from the 6th to the 9th year of Elementary School, the activity sought to work on the basic concepts of video production and narrative construction, with short films created by the students as products. This work seeks to reflect on the potential of filmmaking in the school context and space.

Key-words: Caiçara. Cinema and Education. Educommunication.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

- 1.1 Contexto da região
- 1.2 Objetivo
- 1.3 Justificativa

2. MÉTODOS DE REALIZAÇÃO

- 2.1 Estrutura da oficina
- 2.2 Conceitos trabalhados
 - 2.2.1 Documentário e Ficção
 - 2.2.2 O que é um plano
 - 2.2.3 Tipos de enquadramento
 - 2.2.4 Takes ou Tomadas
- 2.3 Cronograma da oficina

3. PRÉ-PRODUÇÃO

- 3.1 Contato com a escola
- 3.2 Definição de equipe
- 3.3 Planejamento de viagem
- 3.4 Transporte e estadia
- 3.5 Equipamentos necessários

4. DESENVOLVIMENTO DA OFICINA

- 4.1 Aula Expositiva
- 4.2 Desenvolvimento do Storyboard
- 4.3 Filmagem
- 4.4 Som
- 4.5 Compartilhamento dos arquivos

5. PÓS-PRODUÇÃO

- 5.1 Edição
- 5.2 Exibição na Escola

- 6. ANÁLISE DOS FILMES**
- 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**
- 8. REFERÊNCIAS**

1. INTRODUÇÃO

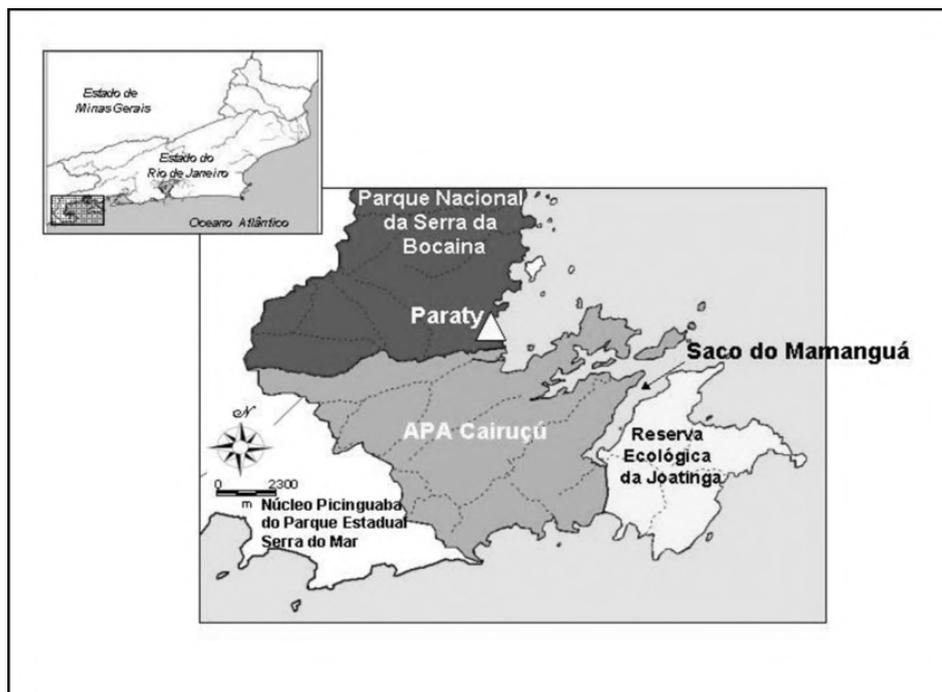
Esse trabalho não teria nascido se não fosse pelo projeto de extensão “Raízes e Frutos: uma vivência nas comunidades tradicionais caiçaras da Península da Juatinga”, do departamento de Geografia da UFRJ. Em 2019 comecei a fazer parte dele e foi então que conheci as comunidades caiçaras de Paraty e seus mestres, assim como o importante trabalho daqueles que constroem a Educação Diferenciada na região. Uma delas é a professora Clarissa Anastácio, que dá aula nas escolas de Ponta Negra e do Saco do Mamanguá. Foi ela quem me deu a oportunidade de auxiliar na edição de uma atividade em vídeo que realizou com seus alunos e me abriu as portas para realizar a oficina.

1.1 Contexto da região

O Saco do Mamanguá está inserido na Península da Juatinga, em Paraty, no Estado do Rio de Janeiro. Diversas comunidades caiçaras habitam suas praias, uma delas sendo a comunidade Currupira, onde está localizada a escola em que realizamos a atividade descrita neste trabalho. A região da Península da Juatinga tem alta relevância ecológica por abrigar uma porção bem preservada do bioma Mata Atlântica e por isso instituiu-se um mosaico de unidades de conservação na região. São elas: Área de Proteção Ambiental (APA) Cairuçu, Reserva Ecológica Estadual da Juatinga (REEJ) e o Parque Nacional da Serra da Bocaina.

É importante ressaltar que a instituição dessas unidades de conservação se deu de forma impositiva e sem a adesão popular, segundo Diegues (1996), impondo restrições ambientais que não levaram em consideração as práticas tradicionais dessas comunidades. Além disso, as populações caiçaras, que ocupam a região há muitos séculos assim como os quilombolas e indígenas, são umas das principais responsáveis pelo nível de conservação dessas matas.

Figura 1 - Mapa das Unidades de Conservação na região do Saco do Mamanguá (RJ)



Fonte: Xavier (2018)

Na década de 1970, é construído o trecho Rio-Santos da BR-101, que atravessou a Serra da Bocaina e, conseqüentemente, estimulou os interesses externos na região. Por se encontrar entre as duas principais capitais do país - Rio de Janeiro e São Paulo - e possuir diversos atrativos imobiliários, a localidade passou então a sofrer com a especulação imobiliária e grilagem de terras, que persistem nos dias de hoje. O resultado é que muitos caiçaras deixaram seus territórios, o que contribuiu para a desvalorização dos conhecimentos e abandono das práticas tradicionais (SOUZA e LOUREIRO, 2015).

Nesse contexto, Souza e Loureiro também apontam que a educação formal é peça chave para a permanência dessa população, quando contextualizada das relações sociais do território. É sob essa ótica que trabalha a Educação Diferenciada, “reconhecida como uma modalidade de educação formal que está sendo desenvolvida a partir de uma demanda das comunidades tradicionais da região, em parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF) e as prefeituras da região” (GODOY, 2021).

1.2 Objetivo

Tem-se como objetivo deste trabalho, propor uma atividade de criação audiovisual, onde os alunos entrarão brevemente em contato com a estrutura narrativa de um vídeo para, a partir de um modelo estabelecido, desenvolverem seus roteiros, gravarem os vídeos e participarem da montagem.

Dessa forma, almeja-se estruturar e realizar a oficina em que os alunos possam entrar em contato com as etapas de produção de um vídeo e desenvolvam um produto final.

1.3 Justificativa

A relevância deste trabalho está no papel que o audiovisual pode desempenhar na educação diferenciada em comunidades tradicionais, mais especificamente nas comunidades caiçaras. O contexto cultural das crianças e adolescentes, de modo geral, está cada vez mais relacionado às mídias, destacando-se a forte presença da narrativa cinematográfica. Em uma sociedade em que o aparato da câmera e os meios de divulgação de imagens estão cada vez mais acessíveis, institui-se uma poderosa ferramenta de transmissão de ideias e narrativas. Porém, é importante que esses jovens possam dominar essa linguagem.

Fernandes (2010, p.54) constata que

Hoje, há meios para que muitos possam ser autores, produtores de suas narrativas, contando suas histórias de vida e de ficção entremeando os papéis de consumo e produção. Mas, assim como percebemos na tese, a criação de narrativas em suportes diferentes da escrita não é algo com o qual todas as crianças saibam lidar, pela falta de acesso e de conhecimento do funcionamento da linguagem audiovisual.

Essa ferramenta pode ser muito valiosa no contexto das comunidades caiçaras da Península da Juatinga, que lidam com diversos fatores já citados que ameaçam sua permanência em seu território e a continuidade de suas práticas tradicionais. Como forma de salvaguarda dessa cultura, uma das ferramentas utilizadas é o registro audiovisual, que já originou diversas produções. Porém, é importante que essa narrativa também seja construída pelos indivíduos que a compõem.

Além de uma forma de salvaguardar sua cultura, a narrativa cinematográfica também pode ser um instrumento valioso para que as crianças e jovens dessas comunidades se entendam como autores e produtores de suas próprias narrativas. Não no sentido de necessariamente se tornarem profissionais do audiovisual, mas de se constituírem como sujeitos no meio em que vivem. Sob esse olhar, Fernandes (2010) destaca as três dimensões

da mídia-educação como formadora de sujeitos: estar com o cinema, pensar sobre o cinema e produzir através do cinema.

Assim sendo, este trabalho valoriza a questão da experiência no processo de aprendizagem e relação com a linguagem audiovisual.

2. MÉTODOS DE REALIZAÇÃO

2.1 Estrutura da oficina

A oficina será estruturada em dois momentos principais: a primeira hora será destinada para a elaboração do roteiro e a segunda para a filmagem e edição dos vídeos.

No primeiro momento, é necessário definir sobre o que será cada vídeo. Levando em conta que cada turma já está trabalhando sobre um tema, de acordo com a ementa programada pela professora Clarissa Anastácio, eles serão divididos em grupos para pensar em temas específicos que desejam abordar em vídeo. Para esse momento, estipulamos no máximo 15 minutos de duração.

Em seguida, iremos pensar sobre como estruturar essa narrativa, podendo ser em dois tipos principais: ficção e documentário. É então que se faz necessária explicação sobre os tipos de estrutura narrativa que existem, exemplificando dois a três tipos de cada vertente. Dessa forma, eles deverão escolher qual formato conversa mais com a história que querem contar. Para isso, reservamos 20 minutos.

Após esse momento, cada grupo terá 15 minutos para desenvolver seu roteiro e realizar ensaios se necessário. Eles farão isso utilizando um modelo próprio, que deve conter o título, o formato - ficção ou documentário -, os personagens e a locação. Junto a essas informações, devem preencher o modelo de storyboard que conta com espaço para seis planos.

2.2 Conceitos trabalhados

2.2.1 Documentário e ficção

A diferença entre documentário e ficção é algo debatido desde os primórdios do desenvolvimento da teoria do cinema. Muitas vezes um é diferenciado a partir do outro e suas

fronteiras são nebulosas, constantemente se misturando. Como a intenção nesse breve encontro é possibilitar que os alunos criem suas histórias de uma maneira mais livre, trabalharemos esses dois conceitos de forma mais rasa, focando em seus aspectos formais.

Dessa forma, explicaremos que documentário é um filme informativo, que pode utilizar entrevistas, depoimentos, imagens de arquivo (como fotos, documentos, jornais e revistas antigas) e narração em voz *over*.

Já a ficção também pode falar sobre algo que aconteceu, porém pode ser um conteúdo totalmente imaginário. Trata-se de uma encenação, com falas pré definidas e atores.

2.2.2 O que é um plano

Segundo Bernadet (1989), foi a partir das obras de Griffith que o cinema incorporou a base de sua expressão linguística. Para ele, denominamos “plano” uma imagem entre dois cortes. Dessa forma, representa a menor unidade de um filme. Ou seja, o que acontece quando começamos a gravar e depois paramos.

2.2.3 Tipos de enquadramento

Dentre os fazedores de cinema, existem divergências entre as nomenclaturas utilizadas para os tipos de enquadramento. Para essa atividade, que será desenvolvida em um encontro breve e com um público que está cursando o Ensino Fundamental II, escolhi apresentar apenas cinco tipos norteadores apresentados por Bernadet (1989). Por fins didáticos, decidi simplificá-los.

- Plano Geral: enquadra os personagens de corpo inteiro



- Plano Conjunto: enquadra os personagens dos joelhos para cima



- Plano Médio: enquadra os personagens da cintura para cima



- Primeiríssimo Plano: enquadra apenas o rosto



- Plano de Detalhe: enquadra apenas uma mão ou um objeto, como uma bola



2.2.4 Takes ou Tomadas

Aqui, é necessário diferenciar o plano do *take*, ou tomada. Para Bernadet (1989) chama-se "tomada" a imagem captada pela câmara entre duas interrupções. Esse se refere à tentativa de fazer um plano. A filmagem de um plano pode dar certo de primeira, mas pode exigir diversas tentativas.

2.3 Cronograma da oficina

Os quadros 1 e 2, a seguir, detalham o cronograma dos dois encontros a serem realizados. Neles, são apresentados os detalhes de cada atividade: o tema, os objetivos, o material utilizado, os procedimentos e o número de alunos presentes.

É necessário ressaltar que no momento das oficinas será levantada a possibilidade de utilizar material que os alunos tiverem disponíveis com eles e que eles possam usar na produção de cada vídeo.

Quadro 1 - Detalhamento do 1º encontro

23/10/2023 - 08h às 10h

Tema	Criação Audiovisual

Objetivos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Desenvolver um roteiro por grupo 2. Filmar e editar em conjunto
Material (haverá levantamento de material disponível no momento da oficina)	<ul style="list-style-type: none"> ● Quadro branco ● Vídeos ● Papéis ● Lápis e canetas ● Câmeras (aparelhos celular) ● Fones de ouvido com microfone ● Notebook
Procedimentos	<ul style="list-style-type: none"> ● Cada grupo escolhe um tema para desenvolver ● Aula sobre linguagem cinematográfica ● Elaboração de um roteiro + storyboard ● Gravação ● Edição em conjunto
Nº de Alunos	20

Quadro 2 - Detalhamento do 2º encontro

23/10/2023 - 12h30 às 14h

Tema	Criação Audiovisual
Objetivo	<ol style="list-style-type: none"> 3. Desenvolver um roteiro por grupo 4. Filmar e editar em conjunto
Material (haverá levantamento de material disponível no momento da oficina)	<ul style="list-style-type: none"> ● Quadro branco ● Vídeos ● Papéis ● Lápis e canetas ● Câmeras (aparelhos celular) ● Fones de ouvido com microfone ● Notebook
Procedimentos	<ul style="list-style-type: none"> ● Cada grupo escolhe um tema para desenvolver ● Aula sobre linguagem cinematográfica ● Elaboração de um roteiro + storyboard ● Gravação ● Edição em conjunto

Nº de Alunos	13
---------------------	----

3. PRÉ-PRODUÇÃO

3.1 Contato com a escola

O primeiro contato com a Escola Municipal Domingos Gonçalves de Abreu se deu pela professora Clarissa Anastácio. Através de outros membros do projeto Raízes e Frutos, realizamos o contato sobre uma demanda de edição de vídeos que seus alunos haviam realizado como avaliação de sua disciplina. Foi a edição desses trabalhos que despertou o interesse de realizar a oficina. A autorização para realizar a oficina na escola aconteceu através da professora Clarissa, que entrou em contato com a coordenadora pedagógica.

3.2 Definição de equipe

Para a realização dessa oficina, não houve nenhum tipo de suporte financeiro, foi necessário utilizar recursos pessoais e contar com o auxílio da Escola, especificamente no caso do transporte de Paraty Mirim para Currupira. Assim, levando em conta os custos com passagem e hospedagem, foi tomada a decisão de realizar a atividade contando apenas com o auxílio presencial da professora Clarissa.

3.3 Planejamento de viagem

O quadro 3 a seguir apresenta o cronograma da viagem para realizar a oficina.

Quadro 3 - Cronograma da viagem

Dia	Hora	Roteiro
23/10	09h	Saída de ônibus do Rio de Janeiro sentido Paraty
	13h	Chegada em Paraty
	13h30	Almoço

	17h15	Ida para Paraty-Mirim
	18h15	Chegada em Paraty-Mirim
24/10	07h10	Saída de barco para o Saco do Mamanguá
	08h	Chegada em Currupira
	08h15	Começo da aula da manhã
	12h	Fim da aula da manhã e almoço
	12h30	Começo da aula da tarde
	15h30	Fim da oficina da tarde
	16h30	Barco para Paraty Mirim
	17h50	Van para Paraty
	18h30	Chegada em Paraty
	19h10	Ida para o Rio de Janeiro
	00h	Chegada no Rio de Janeiro

3.4 Transporte e estadia

Uma das formas de se chegar à Currupira é ir até Paraty-Mirim e de lá pegar um barco. Como estaria levando alguns equipamentos, foi tomada a decisão de pegar um ônibus do Rio de Janeiro até Paraty, depois uma van até Paraty-Mirim. O transporte para Currupira foi um barco utilizado pelos alunos para irem às aulas.

3.5 Equipamentos necessários

Sabendo que a oficina iria ser realizada com um orçamento limitado e apenas com equipamentos que uma só pessoa conseguiria carregar em diversos meios de transporte diferentes, foi escolhida a seguinte lista de equipamentos:

- Projetor
- Cabo HDMI
- Extensão

- Caixa de som bluetooth
- Notebook
- Fichas de conteúdo
- Cabos USB C

4. DESENVOLVIMENTO DA OFICINA

Agora será apresentado como se deu a oficina com as duas turmas. Serão expostas as dificuldades e contratempos, assim como as surpresas positivas. A realização de uma oficina de vídeo em apenas um encontro é algo desafiador e essa experiência culminou em diversas reflexões. Nesse trabalho, tivemos como objetivo que todos os alunos participassem tanto da etapa de pensar e construir a história, quanto de transformá-la para a linguagem audiovisual.

Antes de entrarmos nos acontecimentos da oficina, é necessário pontuar que o tempo planejado para a realização se mostrou insuficiente. A primeira turma, de 6º e 7º ano, precisou utilizar as quatro horas de aula da profª Clarissa, o dobro das duas horas planejadas, enquanto a turma de 8º e 9º ano utilizou três horas. Essa possibilidade era prevista e, pelo fato da atividade contar nota para a disciplina, a professora pôde nos conceder esse tempo a mais. Portanto, a flexibilidade de tempo é algo importante de se ter em mente no momento do planejamento.

4.1 Aula Expositiva

A oficina começou dentro da sala de aula, onde os alunos foram apresentados à proposta da atividade: divididos em grupos, iriam pensar e filmar um vídeo de tema livre. Para isso, foi apresentado um breve resumo do desenvolvimento tecnológico do vídeo, citando o invento da fotografia e do cinematógrafo que culminaram na tecnologia atual que eles utilizariam: a câmera do celular.

A partir disso, foram apresentados os conceitos principais que iriam ajudá-los a contar as suas histórias: o que é um plano, tipos de enquadramento, takes e as características básicas dos gêneros documentário e ficção. Para isso, foi possível fazer uma relação com outra atividade que esses alunos já haviam realizado para essa mesma disciplina, onde cada um desenvolveu entrevistas abordando temas da cultura caiçara local. Dessa forma, foi possível fazer uma ponte com o conceito de documentário e contrapor às características da ficção.

Durante a explicação, foi observado que os alunos não responderam tão bem aos nomes técnicos, como por exemplo as denominações de tipos de enquadramento: Plano Médio, Plano Geral, etc. Essa explicação não despertou muito interesse. Em oposição, quando exibidos os exemplos em vídeo de storyboard e de curtas feitos em escola, eles se mostraram mais estimulados.

Em seguida, foi introduzido o documento que agiria como o roteiro para cada história: o storyboard. Foram apresentados dois exemplos em vídeo de como essa ferramenta pode ser utilizada pelo cinema para guiar a filmagem: uma cena do filme de animação Zootopia e outra do filme Batman. Durante essa explicação foi apontado o caráter de planejamento desse documento, principalmente para as grandes produções onde gravar novos takes exigiria tempo e dinheiro, e como havia uma transformação entre as informações ali contidas e o produto final.

Finalmente, foram apresentados dois curtas¹ desenvolvidos por alunos de uma escola municipal de São Paulo - EMEF Henrique Souza Filho - para mostrar o que é possível desenvolver no ambiente de uma escola. Após isso, eles se dividiram em grupos por conta própria. Particularmente na turma de 6º e 7º ano, houve certa resistência e indecisão por parte dos alunos que queriam ficar apenas com quem tinham maior amizade. Nesse momento - e ao longo de toda a oficina - a presença da professora se mostrou valiosa, dialogando com os alunos e os incentivando.

4.2 Desenvolvimento do Storyboard

Divididos em grupos - quatro na turma de 6º e 7º e três na turma de 8º e 9º - eles começaram a pensar nas histórias que iriam desenvolver em seus storyboards. Nessa etapa, cada equipe recebeu uma ficha (Anexo 2) onde deveriam preencher com o título do vídeo, o nome dos componentes, marcar se sua criação seria documentário ou ficção e abaixo um espaço para desenharem 6 planos e suas descrições.

A definição dos 6 planos foi tomada como uma forma de lidar com o limite de tempo que possuíamos para gravar. Mesmo assim, eles foram orientados de que poderiam utilizar menos ou mais planos, reforçando que aquele papel serviria como um guia, uma ajuda. Afinal, o objetivo de desenvolver um storyboard era facilitar o momento da filmagem e não limitar a criação dos alunos.

¹ Os curtas exibidos foram “A Boneca Fantasma” e “Pesadelo na Aula de História”, desenvolvidos por alunos do Ensino Fundamental pelo projeto Henfilmes.

Foi observado que na turma de 6º e 7º ano a maioria dos grupos teve uma dificuldade inicial de pensar sua história, apenas um grupo começou de imediato a elaborar algo. Estavam mais dispersos e muitos aparentavam certa timidez e resistência à atividade. Circulando e se sentando junto de cada grupo por vez, foi possível conversar e fazer indagações com o objetivo de entender suas dificuldades e ajudá-los: o que gostariam de contar? Como contar? O que gostavam de fazer? Isso se mostrou eficaz e todos fomos aos poucos perdendo a timidez e embarcando na tarefa.

Figura 2 - Alunos divididos em grupos desenvolvendo o Storyboard



Fonte: Autor (2023)

Outra questão observada foi a diferença nos processos de criação narrativa de cada grupo. Alguns elaboraram toda a história de uma vez, do início ao fim, enquanto outros pensavam em um ou outro plano que gostariam que acontecesse, com dificuldade para fazer a costura lógica dos acontecimentos. Isso refletiu em algumas das filmagens e vídeos produzidos, que tiveram certo ruído lógico em sua narrativa. Por exemplo, em um dos curtas os personagens entram na sala de aula e no plano seguinte estão do lado de fora novamente.

Esses erros, porém, podem ser benéficos para o processo de aprendizagem. Como bem aponta Barbosa (2018), o ensino de Cinema na escola não possui o intuito de formar profissionais para o mercado cinematográfico e nos primeiros contatos do aluno com essa linguagem ocorrerão diversos tipos de problemas. Quando isso acontece, é o momento para que os alunos construam seu próprio processo de adquirir conhecimento. Além disso, o autor acrescenta que a linguagem do cinema e seus códigos são extremamente dinâmicos, tendo em sua natureza a tendência de serem desafiados e quebrados.

Entende-se, ainda, que para podermos desafiar e quebrar os códigos da linguagem do cinema, é necessário que primeiro os conheçamos. Por isso a importância de apresentarmos esses conhecimentos a eles. Além disso, é ainda mais interessante e enriquecedor o contato dos alunos com essa linguagem através dos filmes produzidos por cineastas e por outros estudantes.

4.3 Filmagem

Assim que algum grupo terminava de elaborar seu storyboard e se encontrava pronto para ir filmar, eles eram acompanhados na etapa da filmagem. Todos levaram consigo os storyboards elaborados, que serviram de guia. Enquanto isso, a professora Clarissa permanecia com o resto da turma dentro da sala. A princípio a ideia é que todos gravassem simultaneamente, porém pelo fato de os responsáveis serem apenas eu e a professora, foi necessário que saísse um grupo por vez. Isso demandou bem mais tempo para o momento de filmagem. Com um número maior de oficinairos, isso se torna mais dinâmico.

A presença de alguém responsável pela oficina junto a cada grupo se mostrou muito importante. Primeiro, pelo fato de muitas das histórias terem planos que se passavam no ambiente exterior, necessitando supervisão. Os caminhos que ligam a escola ao cais na praia são trilhas, onde eles gravaram muitas cenas. Além disso, foi no momento da filmagem que percebemos que alguns planos pensados no storyboard não funcionariam tão bem; ou então que seria preciso adicionar um ou mais planos para construir o sentido desejado. Essa percepção surgiu tanto dos alunos autores quanto da minha parte. Dessa forma, é interessante que o professor ou oficinairo oriente os alunos para as possibilidades de formas de contar o que eles desejam, sempre respeitando suas escolhas e visões. Esse é um momento importante para eles desenvolverem sua capacidade criadora e de percepção da realidade.

Um aspecto valioso da etapa de filmagem são as funções desempenhadas por cada aluno. Levando em conta que o cinema tem uma natureza coletiva e que essa atividade foi

realizada em um único encontro, é muito valioso que todos participem do processo. No caso dessas turmas, um ponto muito positivo foi a facilidade com que eles distribuíram entre si as funções. Todos os alunos atuaram ou filmaram em seus grupos.

Observou-se também que a timidez e preocupação com a aparência foram mais presentes na turma de 8º e 9º ano, entre os alunos mais velhos, mas também existiam na turma de 6º e 7º ano. Alguns possuíam maior desenvoltura para atuar, outros apresentavam maior timidez - o que era esperado - , mas conseguiram delegar cada função através do diálogo, com praticamente nenhuma intervenção. Em alguns grupos houve rotatividade de quem atuava e quem ficava na operação da câmera, principalmente aqueles com mais personagens; em outros, essas funções foram fixas.

Um aprendizado interessante que surgiu foi sobre a ordem de filmagem dos planos. Apesar de alguns cineastas fazerem a escolha criativa de gravar seus planos na ordem em que ocorrem na narrativa, é interessante e geralmente mais barato - e rápido - para a produção filmar juntas as cenas que acontecem na mesma locação, com o mesmo equipamento e/ou com o mesmo figurino. Durante o exercício de alguns grupos, eles se depararam com situações em que seria mais prático gravar as cenas em que aconteciam no mesmo lugar, como dentro da sala de aula, por exemplo. Muitas das vezes essas decisões vinham deles próprios, em outros momentos eram sugestões.

Figura 3 - Alunos filmando e atuando na parte externa da escola



Fonte: Autor (2023)

Figura 4 - Alunos filmando e atuando na parte externa da escola



Fonte: Autor (2023)

Figura 5 - Alunos filmando e atuando dentro da sala de aula



Fonte: Autor (2023)

Figura 6 - Alunos filmando e atuando no campo perto da escola



Fonte: Autor (2023)

Em relação ao tempo que cada grupo levou, não houve uma variação muito grande. Mesmo aqueles que já possuíam uma história mais amarrada acabaram apresentando algumas dúvidas e debates durante a gravação. Alguns grupos estavam dispersos, brincando muito e perdendo o foco. Isso é esperado, por se tratar de uma atividade prática e lúdica, que representa também um momento de descontração ao sairmos do modelo tradicional de aula. Porém, é necessário que os alunos sejam orientados, pois ainda se trata de um trabalho que requer foco e concentração.

4.4 Som

Tratando-se de captação de som, em grande maioria, foi utilizado apenas o microfone nativo do celular no momento da filmagem de cada cena. A maioria dos grupos possuíam celulares com microfones de qualidade que conseguiam captar as vozes e os sons das atuações. Além disso, devido ao curto tempo do encontro, escolhi não adentrar na técnica da captação de som.

Em apenas dois casos se fez necessário captar o som com um segundo celular. Foi o caso do curta de ficção “A Colinha”, onde os alunos sussurravam nas cenas, em um contexto

de prova. Para isso, utilizamos um segundo celular e o posicionamos embaixo da carteira de forma a captar as falas. Durante a edição, foi possível sincronizar o áudio e dar ganho.

O segundo caso foi o curta documental “Nosso Local”, onde partiu das alunas incluir uma narração off. Para isso, elas utilizaram o mesmo celular, gravando o som em outro arquivo para que fosse sobreposto na edição.

Outros dois casos interessantes relacionados ao som apareceram nos curtas “A Floresta Amaldiçoada” e “A Freira Amaldiçoada”. No primeiro, os alunos tiveram a ideia de sobrepor um som de choque na cena em que um deles é atingido por um galho na cabeça. Foi oferecido a eles um som de um acervo e eles aprovaram, sendo ele adicionado na edição. Em uma situação como essa também pode ser interessante estimular que os alunos criem seu próprio som, gravando com o celular.

O caso de “A Freira Amaldiçoada” foi o som que os alunos escolheram criar no momento em que acontece a possessão do personagem. Um deles utilizou um triângulo, o instrumento musical, para produzir sons metálicos captados no momento da filmagem.

4.5 Compartilhamento dos arquivos

Para esse tipo de atividade é necessário se atentar para a forma como os arquivos serão compartilhados para edição, já que cada grupo filma nos celulares dos próprios alunos. A melhor forma, para que não haja perda de qualidade, é que isso ocorra por via USB. Porém, a grande maioria utilizou celulares do modelo iPhone, cujo cabo de transferência de arquivos ninguém possuía no local.

Assim, eles foram orientados que enviassem os vídeos por WhatsApp, na forma de arquivo, onde não há compressão. É uma forma mais demorada, que depende da internet. Alguns acabaram enviando após a aula e fizeram como mídia direta, ocasionando em perda de qualidade. Por isso, é necessário priorizar as formas de compartilhamento em que não haja compressão.

5. PÓS-PRODUÇÃO

5.1 Edição

Pensando no ensino da prática de cinema em contexto escolar é valioso quando os alunos entram em contato com esta etapa importante da produção audiovisual: a edição. A ela, estão relacionadas as técnicas de corte, correção de cor, sincronia entre áudio e vídeo, inserção de efeitos e trilha sonora, entre outros. É também nessa etapa que selecionamos as cenas para formarmos sequências de acontecimentos e, assim, criar o sentido desejado. Para além do aspecto técnico, existe aí o processo de montagem.

Quando elaboramos a atividade, não era nosso objetivo ensinar os alunos os aspectos técnicos da edição. Não por julgar que os estudantes não são capazes de aprender tal prática, pois são. Alguns deles já estão inclusive em contato com essas ferramentas através de aplicativos para celular como o TikTok, Instagram e CapCut². Porém, decidimos focar no aspecto da construção narrativa. Na realização do storyboard os grupos pensaram em cada plano que seria gravado e na ordem em que aconteceriam. No momento da gravação, escolheram a duração de cada ato. Dessa forma, exercitaram a montagem cinematográfica sem precisar de qualquer software.

Portanto, a edição final realizada após a atividade foi puramente a ação de juntar os planos na ordem elaborada pelos alunos. Para isso, foi seguido cada storyboard e respeitada ao máximo a duração de cada clipe, havendo cortes apenas quando estritamente necessário. Como por exemplo, quando os alunos visivelmente haviam parado de encenar; alguns falaram diretamente para a câmera, sinalizando o final da cena.

5.2 Exibição na escola

Até o momento da escrita deste trabalho, ainda não foi realizada a exibição dos filmes finalizados, que deve ocorrer no espaço da escola. A ideia é que todos assistam seus vídeos e dos outros grupos, junto à professora. Dessa forma, poderão refletir sobre os produtos gerados e suas narrativas. Para a professora Clarissa Anastácio, “depois de assistir aos curtas acredito que olharão para o espaço (da escola) de outra forma”.

6. ANÁLISES DOS FILMES

² Aplicativo de edição de vídeo para celular.

A oficina teve como resultado 7 vídeos produzidos pelos alunos, 4 na turma de 6º e 7º ano e 3 na turma de 8º e 9º. Em todos eles houve a forte presença do ambiente externo, da natureza, e dos caminhos que levam até a escola. Apenas um vídeo foi filmado inteiramente dentro da sala de aula, “A Colinha” do grupo do 8º e 9º ano, que contou a história de dois alunos sendo pegos trocando respostas durante uma prova.

Nos grupos de 6º e 7º ano, outro aspecto presente foi a temática de terror. Três vídeos envolveram assombrações, perseguições e fenômenos fantásticos em sua narrativa. Isso pode ter sido influenciado tanto pelo exemplo que foi passado para eles quanto pelo fato de eles terem trabalhado sobre o folclore brasileiro em aulas passadas. De qualquer modo, nas três histórias algo de fantástico e assustador acontece quando os personagens adentram os caminhos pela mata. No curta “As Meninas”, por exemplo, duas alunas desobedecem a professora e saem para brincar desacompanhadas na trilha atrás da escola, tendo uma surpresa assustadora no caminho.

O único filme que fugiu dessa temática, foi o curta “Jogo de Seleção”. Os alunos quiseram retratar um jogo de futebol no campinho perto da escola, onde eles costumam jogar. Sem falas, acompanhamos as disputas de bolas, gols e a cobrança de escanteio que resultou na vitória. Assim como acontece em todo o país, o futebol é um aspecto forte das relações sociais nas comunidades caiçaras, principalmente entre os homens.

Figura 7 - Quadro do curta “Jogo de Seleção”



Fonte: Autor (2023)

Figura 8 - Quadro do curta “A Freira Amaldiçoada”



Fonte: Autor (2023)

Figura 9 - Quadro do curta “A Floresta Amaldiçoada”



Fonte: Autor (2023)

Já os grupos de 8º e 9º ano abordaram seu cotidiano relacionado à escola. Um deles foi um documentário, o único entre todos os grupos, e dois foram ficções. No filme “Ida para escola antigamente”, os alunos quiseram retratar as dificuldades que os comunitários mais velhos enfrentavam para poder estudar: acordar mais cedo, percorrer grandes distâncias em trilhas junto a seus colegas e não ter um material escolar apropriado. O curta documentário “Nosso Local” surgiu da vontade das alunas de mostrar seu cotidiano na Escola Municipal Domingos de Abreu: chegar de barco no píer, fazer a trilha até a escola, estudar, brincar nos

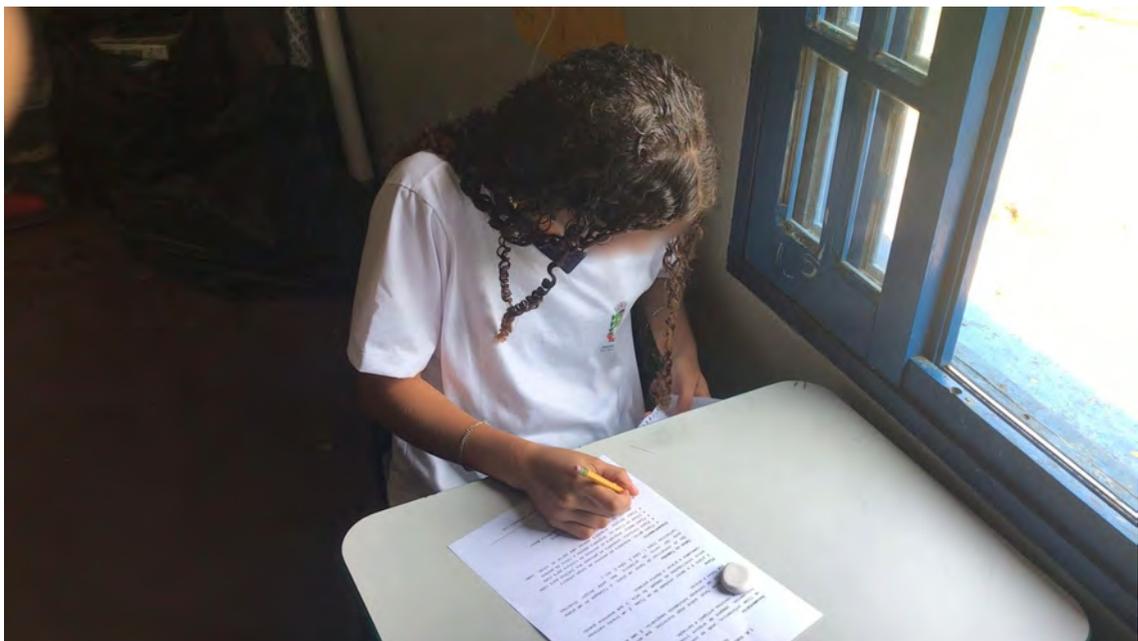
espaços de fora com os amigos e ir embora. Elas escolheram, ainda, entrevistar a merendeira da escola, a Val. Perguntaram a ela como era trabalhar na escola, com eles, e sua opinião sobre o Saco do Mamangá.

Figura 10 - Quadro do curta “Nosso Local”



Fonte: Autor (2023)

Figura 11 - Quadro do curta “A Colinha”



Fonte: Autor (2023)

Figura 11 - Quadro do curta “O Ida Para a Escola Antigamente”



Fonte: Autor (2023)

Todos os vídeos tiveram por volta de 2 minutos, o que era esperado a partir da proposta de criarem uma história em 6 planos. É importante apontar, porém, que todos os vídeos utilizaram mais do que os planos estipulados pelo storyboard. Como já explicado, surgiram por parte dos alunos a necessidade de acrescentar ou mudar planos para construir sua história no momento da filmagem. Contudo, isso não implicou em vídeos longos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em um contexto onde se faz necessário cada vez mais compreender a linguagem audiovisual e suas formas de criar narrativas, presentes nas mídias. Assim, podemos nos tornar capazes de interpretá-la criticamente. Isso corresponde a um papel fundamental que a escola pode desempenhar. Ao longo do trabalho foi possível ter o primeiro contato com uma vasta literatura acerca da pedagogia do cinema, onde muitos pensadores constroem formas de ensino e reflexões importantes. Isso foi muito importante para refletir sobre o que aconteceu durante a atividade.

Por fim, a proposta de desenvolver uma oficina em um contexto escolar, dentro de uma comunidade caiçara, representou um desafio e ensinamento muito valiosos. Foi possível perceber como os alunos se relacionam com o espaço da escola e seu entorno, seus caminhos

e paisagens; quais narrativas e histórias permeiam seu imaginário, e como eles escolhem contá-las. Utilizando os conceitos da linguagem cinematográfica, mas também fugindo dela, foram cineastas.

8. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Diogo José de Moraes Lopes. **Cinema no contexto escolar: por uma pedagogia da criação.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p.123. 2018.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema.** Editora Círculo do Livro. 1989.

DIEGUES, Antônio Carlos S. **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo: HUCITEC, 1996. 169p.

FERNANDES, Adriana Hoffmann. **O cinema e as narrativas de crianças e jovens: reflexões iniciais.** Revista Contemporânea de Educação, vol.5, n.10, jul/dez 2010.

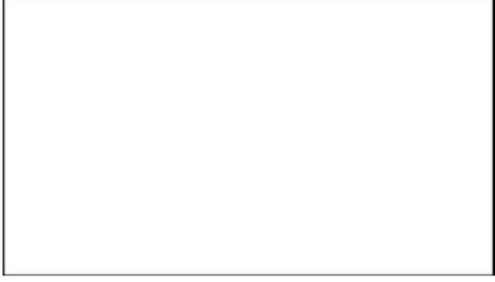
GODOY, Dafne.; MARQUES, Roberto. **Geografia na Educação Diferenciada Caiçara das Escolas Municipais da Cajaíba e Martim de Sá na Península da Juatinga, Paraty / RJ.** Mares: Revista de Geografia e Etnociências, v. 3, n. 1, p. 55-65, 2 dez. 2021.

SOUZA, Vanessa Marcondes; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **A educação formal enquanto estratégia de luta dos povos caiçaras da Península da Juatinga, Paraty/RJ.** Revista Cadernos de Educação, n. 51, 2015.

XAVIER, Maria Aparecida de Sá. **Territorialidade caiçara expressa nos fazeres-saberes da comunidade do Saco do Mamanguá, Paraty, RJ.** Revista PerCursos, Florianópolis, v. 19, n. 40, p. 242-264, maio/ago. 2018.

ANEXO A - Fichas de Storyboard

Modelo

STORYBOARD	
Título:	() Ficção () Documentário
Grupo:	
Plano 1	Plano 2
	
_____	_____
_____	_____
Plano 3	Plano 4
	
_____	_____
_____	_____
Plano 5	Plano 6
	
_____	_____
_____	_____

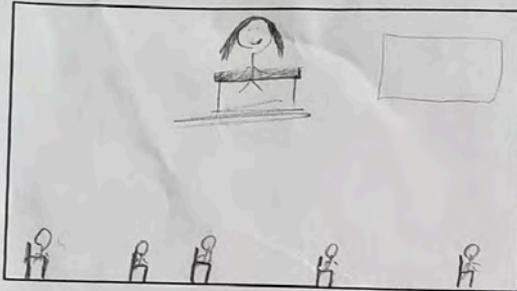
STORYBOARD

Título: *a colinha*

Grupo: *Alex, Yasmim, Arthur*

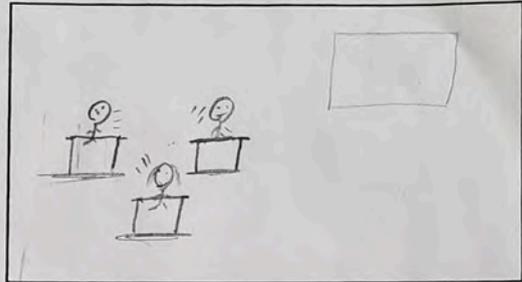
Ficção () Documentário

Plano 1



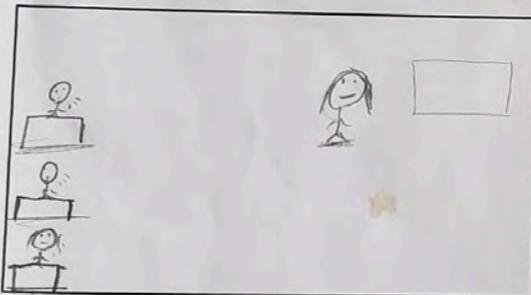
A Professora avisando
que terá Prova no outro dia

Plano 2



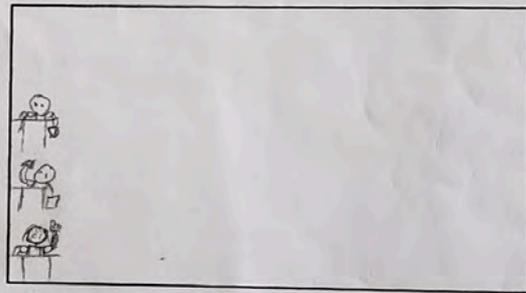
nes combinando
como vamos colar

Plano 3



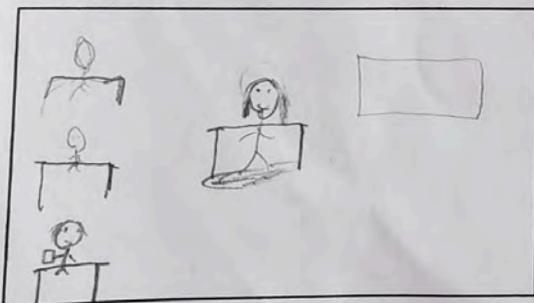
começando a se
preparar para colar

Plano 4



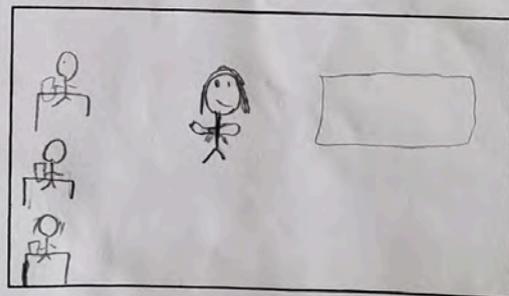
Passando as respostas
para um papel e a borracha

Plano 5



recebendo as colinhas

Plano 6



sendo descobertos!!!

STORYBOARD

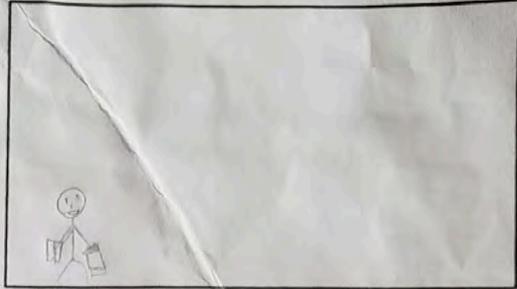
Título: A vida nas escolas antigas () Ficção () Documentário
Grupo: Clerton, Giel, Raí, João Paulo

Plano 1



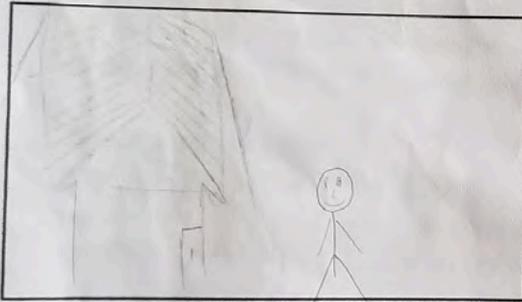
Ele estudando

Plano 2



Arreunando o material

Plano 3



Sai da casa

Plano 4



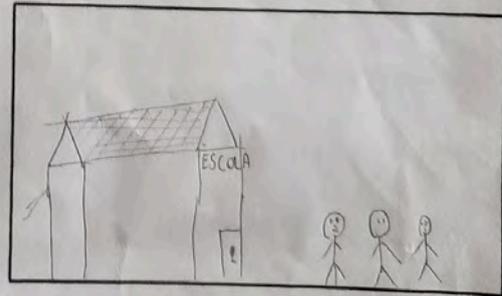
chamando os amigos

Plano 5



no meio do caminho

Plano 6



chegando na escola

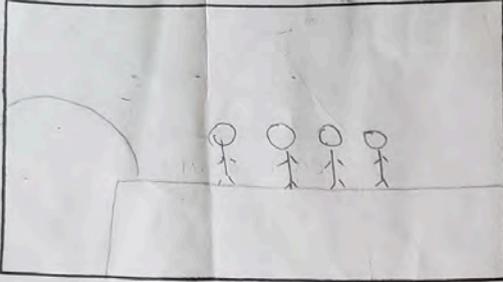
STORYBOARD

Título: Nosso local

Grupo: Duimara, Leana, Telma e Isabel

() Ficção (X) Documentário

Plano 1



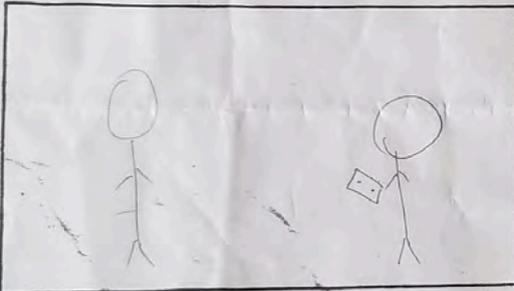
Vindo do pais

Plano 2



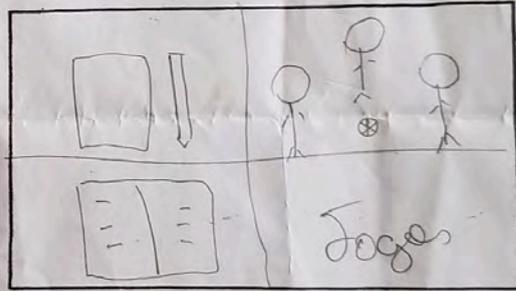
pra escola

Plano 3



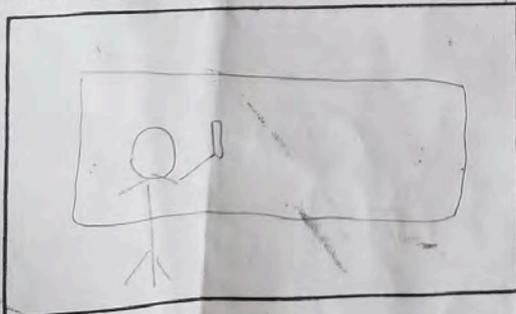
Entusiasmados a val

Plano 4



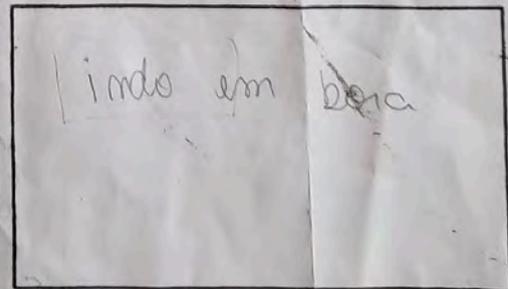
Esse é um pouco do nosso dia a dia na escola.

Plano 5



a professora

Plano 6



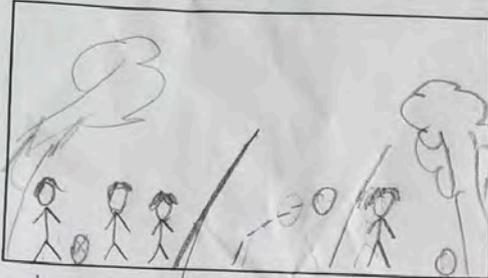
STORYBOARD

Título: A floresta amaldiçoada

Ficção () Documentário

Grupo: Ana Carolina / Enzo / Nailon / Bruno / Diogo / Joice

Plano 1



Jogando bola do um chute, discutindo por não lançar e indo lançar a bola.

Plano 2



ouço um grito e sou puxado pro mata Enzo: não?

Plano 3



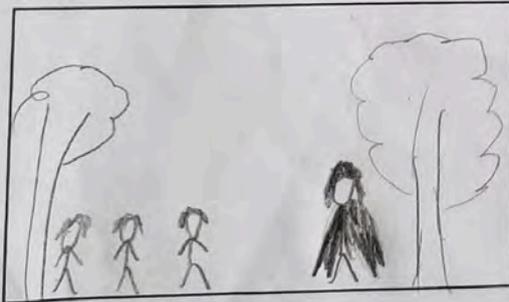
indo me procurar e alguém pula aparecendo em cima do pedra Bruno: cade ele?

Plano 4



continuam me procurando e me acham desmaiado

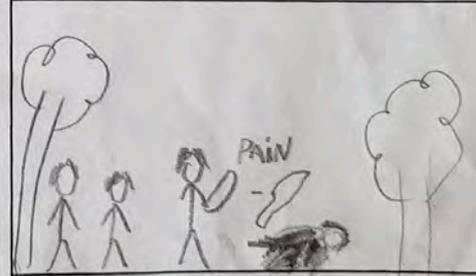
Plano 5



a coisa aparece e tenta pegar todos.

Bruno: ah! que é isso
Enzo: ele que me segurou
Diogo: aa! Bruno, a tronca

Plano 6



Bruno pega a madeira e acerta na coisa. Comemoramos e saímos dali.

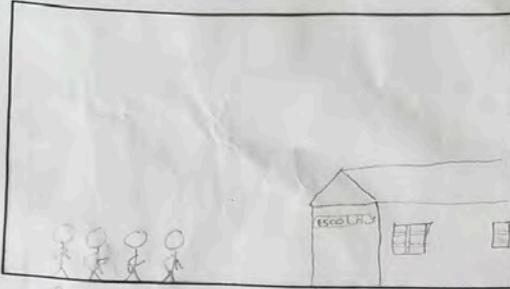
Bruno: eé! Enzo: eé! comemoramos!
Diogo: vamos sair.

STORYBOARD

Título: As meninas
Grupo: Yasmin, Sophia, Alice, Grazi, Vanessa

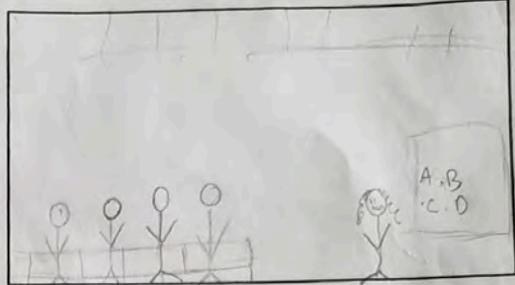
(X) Ficção () Documentário

Plano 1



Elas chegando na escola.

Plano 2



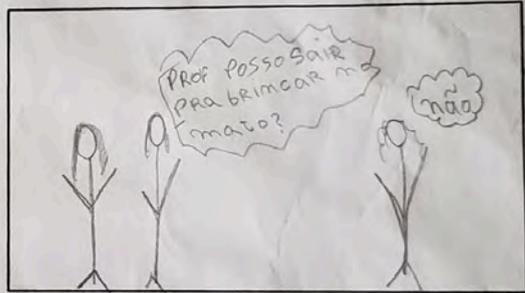
Elas fugindo as tarefas

Plano 3



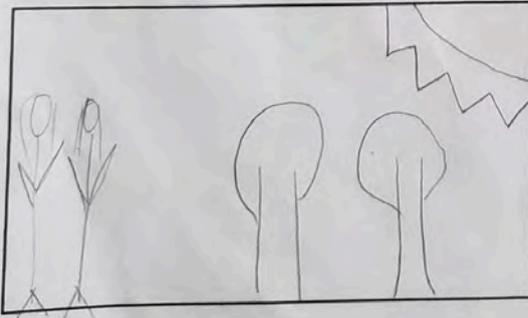
Elas saindo para recreio

Plano 4



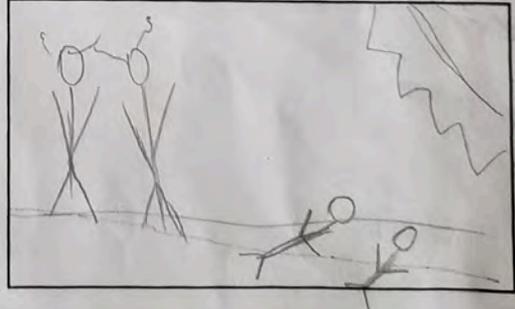
Elas pedindo a professora para brincar no mato a professora disse não

Plano 5



Elas indo pra mato brincar

Plano 6



Elas saíram!

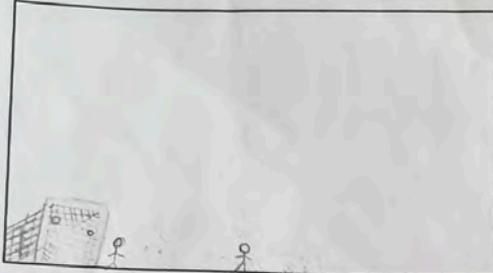
STORYBOARD

Título: futebol do celição

Grupo: Guilherme Samuel Pedro David Ruscilla

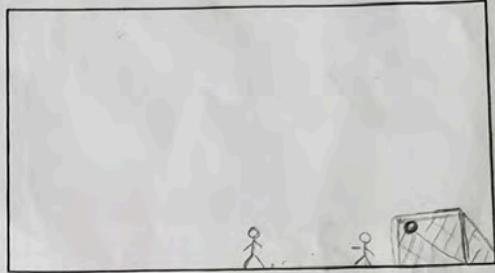
Ficção () Documentário

Plano 1



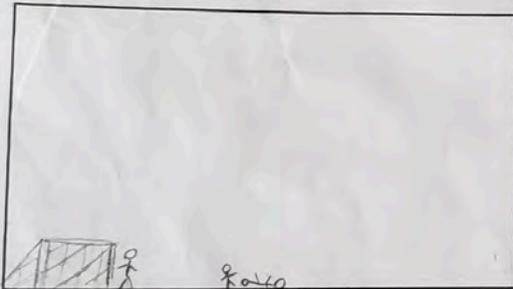
no primeiro tempo Pedro Lucas conseguiu marcar um gol

Plano 2



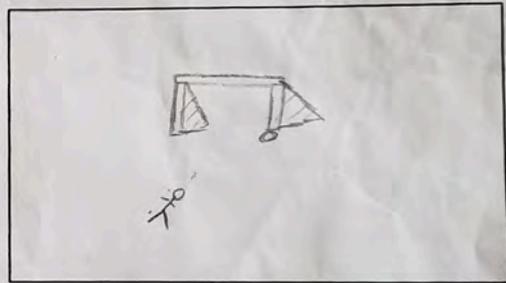
no segundo tempo foi muito disputado e quisim conseguir fazer um gol...

Plano 3



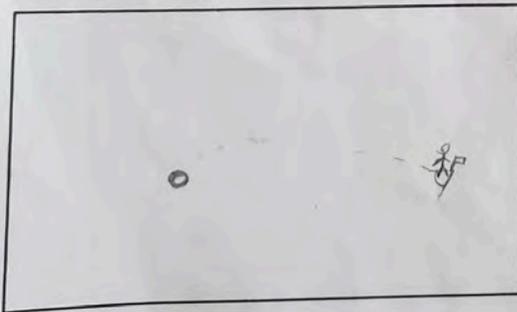
quisim no terceiro tempo foi tentando fazer o gola de Pedro Lucas no Brasil, Brasil e acabou machucando Pedro Lucas mas não foi grave e ele continuou no jogo...

Plano 4



e Pedro Lucas deu um chute

Plano 5



e Gabriel acabou se lesionando

Plano 6



e quisim deu um chute de bicicleta.

STORYBOARD

Título: *A facieira amaldiçoada*

Grupo: *Albino, Sofia, Ana, Leonardo*

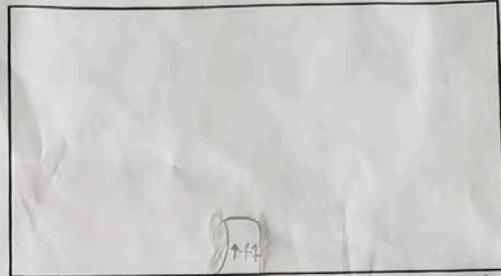
Ficção () Documentário

Plano 1



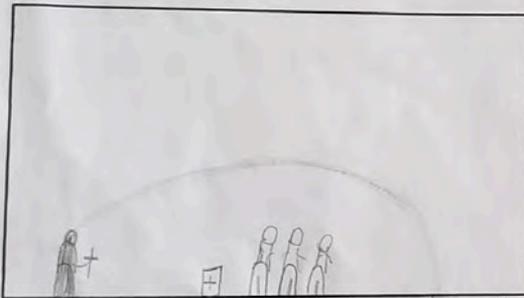
Na hora do recreio 3 meninas
decidem pesquisar o caminho para um
lugar numa malha perto da escola

Plano 2



Elas andam conversando
e descobrem...

Plano 3



na metade do caminho
um ruído muito forte. Medando
elas

Plano 4



então ela se lembra
de algumas atitudes das amigas

Plano 5



então ela correu atrás
um pouco e conseguiu
escapar...

Plano 6



assim que as duas conseguiram
entrar na sala e trancaram
mas a menina lá, estava lá
com uma faca nas mãos.

ANEXO B - Entrevista com a prof^a Clarissa Anastácio

1. O que você achou da atividade de filmar um vídeo no espaço da escola de Currupira?

R: Foi uma experiência maravilhosa, algo diferente do que já fizemos, então a maioria das crianças ficaram super empolgadas. Para mim, o mais importante foi a liberdade de criar e aprender algo novo é sempre gratificante e quando a liberdade de escolha é respeitada tudo fica ainda melhor. E a chance de experimentar os espaços ao redor da escola acho que contribuiu também para ajudar na valorização do ambiente escolar, depois de assistir aos curtas acredito que olharão para o espaço de outra forma.

2. Como você vê o papel do audiovisual na educação diferenciada?

R: Acho algo fundamental, principalmente pela oportunidade de manter os saberes vivos, o registro dos mesmos. Sabemos que muitas pessoas não tiveram a oportunidade de desenvolver a escrita nessas comunidades, muitos sabem se vão junto com essas pessoas. Com o audiovisual esses saberes conseguem ser preservados em vídeo e contribui para que essas pessoas e esses saberes nunca se percam, pois as gerações estão passando e outras coisas estão sendo construídas, mas o que se foi não deve ser perdido. E com a oficina que fizemos acredito que contribua ainda mais para que eles próprios contem suas histórias e de seus familiares, escolherem as narrativas e o que querem contar.